

<b>Source</b>	<i>Evphrosyne</i> , n° 33
<b>Date</b>	2005
<b>Signé par</b>	Fernando Patricio DE LEMOS

A presente obra é o resultado do trabalho de investigação acerca de Tito Lívio, levado a cabo por filólogos franceses durante os últimos anos, posto em comum em Março de 1997, num encontro de estudo, na École Normale Supérieure. Não se trata de Actas de tal reunião mas de um volume colectivo, que, sob a responsabilidade de Dominique Briquel e Jean-Paul Thuillier, constitui o n.º11 da colecção « Études de Littérature Ancienne », tomo onde se estudam os principais problemas que o livro IX de *Ab urbe condita*, centrado no episódio das Forças Caudinas e na censura de Ápio Cláudio Ceco, levanta. Aí encontramos o contributo dos seguintes especialistas: Charles Guittard trata a tradição manuscrita, identificando duas famílias de manuscritos ; Jacqueline Dangel desenvolve os aspectos estilísticos que diferenciam dois modos de narração ; Mathilde Mahé-Simon explica as razões para a excepcional quebra da narrativa com um *excursus*, onde Tito Lívio evoca a figura de Alexandre ; Michel Humm analisa o controverso e discutido retrato de Ápio Cláudio Ceco, que resulta da utilização de tradições diferentes ; Françoise-Hélène Massa-Pairault perspectiva as relações da família dos *Claudii*, a que pertence o Censor de 312, numa dimensão espacial, inserindo-a concretamente na Etrúria e na Campânia ; e também assume a responsabilidade da selecção bibliográfica ; Dominique Briquel interpreta os textos que retratam de forma multifacetada a família dos *Calpurnii* de Cápua e as figuras representadas no túmulo Andriulo 114 de Pesto ; Olivier de Cazanove procede à leitura da narração do avanço dos Romanos, quer a sul na região dos Samnitas e na Lucânia, quer a norte na Etrúria, à luz das vias de que dispunham, na altura.

Um dos aspectos que caracterizam o livro IX é a presença do *excursus* relativo a Alexandre (XVII-XIX), um desenvolvimento retórico que serve de fronteira entre duas partes estilisticamente diferentes: a primeira dedicada ao episódio das Forças Caudinas (I-XVII) e a última à descrição de acontecimentos que consolidam a pacificação obtida com o domínio progressivo de Roma. Ao recurso ao *exemplum fictum* de uma luta entre Roma e Alexandre dedica a obra um capítulo, onde se inventariam os vários problemas de ordem histórica, ideológica e literária, levantados por abundante bibliografia, e se acaba por justificar a iniciativa de Tito Lívio, quer inserida no movimento de renovação augustana que olha o passado como modelo ideal aplicável às circunstâncias concretas do presente, quer como tradição historiográfica, regra geral hostil a Alexandre.

A referência à hipotética vitória que os Romanos teriam obtido sobre Alexandre, se este tivesse dirigido a sua expedição para Ocidente, perfeitamente justificada, sob o ponto de vista retórico, na estrutura do livro IX, após a cilada e rendição traumatizante das Forças Caudinas, entra no campo do subjectivo, o que necessariamente afecta o tipo de discurso. Tal faceta é o objecto do estudo de Dangel, que, para pôr em evidência o contraste entre a primeira e a segunda partes do livro, recorre a métodos estatísticos, cujos resultados apresenta nas pp. 15, 18 e, num quadro de síntese, bem elucidativo, na p. 26.

Numa obra desta natureza, era inevitável que encontrássemos referências às fontes usadas por Tito Lívio. Nem estranharemos a afirmação de que, sem fontes, possivelmente inventou os discursos do cônsul Postúmio, de Léntulo e dos chefes samnitas, aquando do episódio das Forças Caudinas, conhecendo nós que aos historiadores foi reconhecida a liberdade de recorrerem aos discursos como uma das formas narrativas.

Também se compreende perfeitamente a referência à *lectio senatus*, à importância da analítica pontifical pré-literária, à tradição fabiana progressivamente enriquecida. Esta última explicação surge num contexto onde se responde aos que, como Alföldi, enfatizam o papel de Fábio Pictor, que, no século III, ao reunir a tradição anterior nos *Annales*, se teria tornado fonte principal de Tito Lívio e responsável pelas suas deformações históricas. Os factos explicam-se melhor se admitirmos que cada uma das principais famílias procurou reunir os relatos dos feitos heróicos dos seus antepassados e que, por vezes, para ampliar o elogio próprio, sonegou as acções dos concorrentes. Surgem assim tradições múltiplas que os historiadores confrontam e utilizam no momento de escreverem a sua história e os críticos depois identificam. Deste processo encontramos testemunho nas referências u.g. das pp. 89, 129, 131, 144, 187. Também dele resulta a atribuição aos Cláudios de *superbia et contemptus deorum hominumque* e aos Campanianos de *luxuria et superbia*, além de uma atitude contrária a Roma e favorável a Haníbal; a tradição contrária, oriunda em laços familiares dos *Calpurnii* com os *Claudii* e os *Liuii*, deu origem a relatos de acções favoráveis a Roma praticadas por alguns membros da família.

São da mesma ordem os problemas tratados no elucidativo estudo da iconografia tumular de Pesto, sem dúvida destinada ao enaltecimento de famílias ilustres autóctones. A observação e análise dos elementos escultóricos permite datá-los de 330-320 e interpretá-los como alusivos a uma vitória dos Sabinos, obtida no ambiente da alta montanha. O texto de Tito Lívio que corresponderia à representação plástica seria o do cap.31, que narra acontecimentos datáveis de 311 (devido a uma aborrecida gralha, embora detectável com facilidade, no início da p. 146, está escrito 211), o que levanta a questão de desfasamento temporal de pelo menos uma década. Um outro problema tem origem no facto de Tito Lívio atribuir a vitória, *in extremis*, aos Romanos. Se atendermos à

circunstância de um texto de Zonaras – Dión Cássio referente ao mesmo episódio nos informar que os Romanos foram massacrados, e se tivermos em conta que o próprio Patavino, depois de, no contexto do cap. 31, ter narrado a conquista de *Bovianum*, o volta a fazer em IX, 44 (ano 305) e em X, 12 (ano 298), a solução estará em admitirmos duas tradições, uma para glorificar a *gens Iunia*, a qual pertence o cônsul *Iunius Bubulcus*, e outra não favorável.

Do capítulo dedicado aos itinerários através da Campânia e da Etrúria, onde estão incluídos alguns mapas — particularmente o da fig. 8, na p. 169, é muito pouco nítido — ponho em evidência uma conclusão importante, que constitui a estratégia de Roma, ao expandir-se. Avançam ao longo das vias e tomam os *oppida* que encontram no caminho, deixando a ocupação sistemática do espaço, quando fosse aconselhável, para uma segunda fase. Ao serviço deste plano, por vezes podiam estar incursões para orientação, para reconhecimento geográfico ou para afirmar perante os inimigos poder e intenção de futura conquista.

Ainda mais duas observações. Com a primeira congratulo-me com o facto de os textos antigos virem acompanhados da tradução para francês. A segunda destina-se a lamentar que no « Index des noms propres » faltem tantas ocorrências que não vale a pena indicar as vinte e três omissões que tenho registadas, com consciência de que não fui exaustivo. Como não somos informados do hipotético critério para a preterição, resta esperar uma futura correcção deste lapso.